

ENTREVISTA

“Vamos fazer o que com essa memória ecológica?” – Ailton Krenak

DOI <https://doi.org/10.9771/asf.1.69446>

Waldson Costa¹

ORCID <https://orcid.org/0000-0001-5264-9010>

Resumo

A presente entrevista com o filósofo e ativista dos povos indígenas Ailton Krenak, realizada em 20 de agosto de 2023, é uma adaptação de um diálogo que faz parte dos dados da pesquisa etnográfica que subsidiou minha tese de doutorado *Monitorando Mudanças Socioambientais: memórias ecológicas no Delta do São Francisco*, defendida em 2025 no Programa de Pós-graduação em Antropologia (PPGA), da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Na ocasião, guiado por questionamentos sobre memória e ecologia, Ailton Krenak amplia o debate sobre essas duas categorias para uma ótica decolonial que entrelaça, de forma fluída, a compreensão sobre natureza e cultura diante do perspectivismo ameríndio.

Palavras-Chave: Memória. Ecologia. Natureza. Cultura. Decolonial

Apresentação

Muito embora as entrevistas comumente sejam descritas a partir de uma ordem estruturada em perguntas e respostas, o diálogo a seguir está contextualizado por este texto narrativo prévio, uma vez que a compreensão do cenário é bastante necessária para a reflexão do debate sobre memória e ecologia que é proposto pelo interlocutor, o filósofo e ativista indígena Ailton Krenak.

A entrevista aqui descrita aconteceu no dia 20 de agosto de 2023, durante a semana da 10ª Bienal Internacional do Livro de Alagoas, em Maceió. A época, eu estava desenvolvendo estudos etnográficos e ecológicos na região do Delta do Rio São Francisco, espaço geográfico que compreende territórios dos estados de Alagoas e Sergipe. A pesquisa resultou na minha tese de doutorado *Monitorando Mudanças Socioambientais: memórias ecológicas no Delta do São Francisco*, que foi defendida no ano de 2025 no Programa de Pós-graduação em Antropologia (PPGA), da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Já Ailton Krenak marcava presença como palestrante e principal atração do evento literário, poucas semanas após ser indicado à Academia Brasileira de Literatura (ABL); indicação que se confirmou meses depois, tornando-o o primeiro indígena a ocupar uma cadeira na instituição. Na Bienal do Livro de Alagoas a presença de Ailton Krenak esgotou todos os espaços do Teatro Gustavo Leite com ouvintes distribuídos nas 1.200 poltronas e ocupando chão dos corredores do espaço cultural.

Através da Assessoria de Comunicação (Secom) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) consegui entrar em contato com Ailton Krenak. Inicialmente a entrevista estava marcada para noite da palestra em que o autor debateu sobre a sua trilogia literária: *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019), *A vida não é útil* (2020) e *Futuro Ancestral* (2022). A conversa, no entanto, foi adiada para o dia seguinte, em um ambiente mais propício – sugestão do próprio Ailton Krenak – já que a 10ª edição da Bienal Internacional do Livro de Alagoas, realizado no período de abertura do pós-pandemia da Covid-19, foi um evento avassalador, reunindo mais de 400 mil pessoas e superando até mesmo as projeções mais otimistas dos organizadores.

A noite da palestra de Ailton Krenak na Bienal foi um evento a parte. O Centro Cultural e de Exposições Ruth Cardoso estava lotado ao ponto de congestionar todas as ruas de acesso ao espaço da feira literária. O calor castigava e as ruas do entorno pararam enquanto uma multidão se aglomerava no centro

cultural. Atrasado para começar a palestra por conta do trânsito, Ailton Krenak chegou ao espaço a pé, abrindo caminho entre a confusão de carros e gente que dividiam as ruas. Ele entrou no teatro pelas portas do fundo, trocamos algumas palavras – entre essas o acerto para entrevista no dia seguinte – e logo subiu ao palco onde falou sobre a terra como organismo vivo, a problemática da dissociação entre humanos e natureza, a necropolítica, os entusiasmos ao consumo e ao capitalismo e as formas de estar e se posicionar no mundo.

Atenta ao discurso e assentindo cada palavra do escritor-filósofo, a plateia que havia desacelerado durante a palestra, ao final retomou a ode do capital e novamente em ritmo acelerado mergulhou no cotidiano como fez a humanidade ao perder a oportunidade para mudanças de práticas e ideias após o período de isolamento social provocado pela pandemia da Covid-19.

Nesta entrevista o filósofo e ativista dialoga sobre estes conflitos que envolvem inúmeros dilemas entre a teoria (o que se defende e pensa) e a prática (a vida experimentada) na contemporaneidade.

Figura 1: Autor e Ailton Krenak conversam durante entrevista em Maceió, AL, 2023.



Fonte: Waldson Costa (2023)

Entrevista

A discussão sobre um mundo globalizado está relativamente “superada”. As implicações sociais e ecológicas já fazem parte do nosso presente, do agora, estão por todos os lados – e são sentidas pelos organismos nas mais diversas formas. Imerso neste cenário de desequilíbrio capital *versus* ecológico, vivemos ainda fluxos de informações acelerados onde nada mais parece importar ou fixar. Tudo parece fluído demais para darmos conta. Assim, como é possível pensar em uma “memória ecológica”?

Ailton Krenak: Desde que você falou de memória ecológica, eu fiquei pensando nessa epistemologia recente de que os humanos e os seres vivos podem constituir uma memória ecológica. Eu fiquei pensando... Isso deve ser o mesmo que resiliência. Porque se você não ficar vivo... Não tem memória. É preciso ficar vivo e a nossa relação de humanos com o ecossistema da terra tem demonstrado uma incapacidade do humano de experimentar verdadeiramente uma ecologia do ser; de estar dentro. Esse humano fica fora! Ele tá sempre fora. O humano está fora do que podemos consensuar com o que seja ecológico. O humano é uma espécie que se sobrepõe a outras espécies de maneira predatória. A gente caça tudo... Abelha, tigre e até dinossauro... Se houver. Nós marchamos sobre a face do planeta predando outros seres. Por isso, atribuir qualquer memória ecológica apenas aos humanos seria arrogante e desrespeitoso com outros seres que nós predamos. É a mesma coisa que ver alguém que professa uma mentalidade fascista pregar a prática do amor, do respeito e da cooperação com a vida. Quando, na verdade, ele é um agente necropolítico. Então, é necessário questionar de onde vem essa chave de leitura que sugere que existe uma memória ecológica. Essa memória ecológica, se existe, ela não é exclusiva dos humanos. Essa humanidade que nós herdamos dos nossos ancestrais anda tão avariada que, se a gente fosse imaginar uma reconstituição de mundo, deste que nós habitamos, nós teríamos dificuldade, porque nós consumimos um planeta e meio a cada ano. Quando comento essa fúria devoradora de mundo, eu fico pensando: será que as pessoas quando ouvem uma afirmação dessa, elas tomam o peso desta expressão? Ou elas acham que essa é mais uma informação como aquela ideia de colonizar Marte? Se

nós já concebemos a ideia de humanos colonizando outros planetas, isso significa que, do ponto de vista ontológico, a gente já desistiu deste. A gente já se despediu da Terra. Então que conversa é essa de memória ecológica? Vamos fazer o que com essa memória ecológica? Lembrar do que destruímos e devoramos? Será que isso basta? Se essa memória ecológica nos permitir uma reflexão crítica para o futuro, ela será válida! Do contrário, continuaremos andando em círculo devorando tudo ao redor. E falando das consequências dessa destruição como se nada tivéssemos a ver com isso!

Então, como é possível fazer essa reflexão? Ainda mais em um mundo tão acelerado como o nosso, onde o poder econômico e a tecnologia se sobrepõem aos outros debates. A impressão que temos é que sabemos o caminho que devemos tomar, mas “ignoramos os sinais” e insistimos em repetir os mesmos erros há gerações. Como lidar com esses conflitos éticos e de interesses?

Ailton Krenak: Assisti um filme anos atrás que me impressionou muito. Marte, é o nome dele. Na história, há uma missão espacial onde um grupo de astronautas voltam à Terra e um outro precisa permanecer na estação espacial. Para isso, o cientista que fica decide fazer um experimento para produzir alimento em condições inóspitas. Ele acaba plantando batatas nas próprias fezes, que são guardadas e ressecadas para virar adubo. Lá ele planta a semente e se alimenta da batata inglesa que nasce em estufa. Sim, ele produziu o alimento, mas não há nada mais metastático do que comer o próprio cocô humano. Estamos aqui na Terra indo neste caminho de metástase da Mãe Terra; por isso, eu me irrita quando escuto falar de ecologia nos termos do que ela foi anunciada no século XX. Quando, na verdade, a ecologia nos aproxima da vida, ela nos aproxima do modo de produção de vida; e o que a gente fez foi nos afastar deste modo de vida de uma maneira tão veloz que as novas gerações – meninos e meninas que tem 10 anos até 15 anos – experimentam a vida diante de telas, mesmo o mundo estando aí para elas. Tenho filhos e vivo essa experiência de falar sobre as plantas, os organismos, mas a validade desta informação está no aparato tecnológico e não na experiência. Meu filho ouve e fala: “É, pai! Mas aqui no Google está dizendo que é assim”. Ou seja, nós estamos colocando nossas crianças num aparato tecnológico que retira elas do contato com as

experiências da vida e elas acham que sabem tudo deste mundo distópico. Distópico porque o que eles vivem é uma experiência pouco ecológica que está acelerando o afastamento dos humanos do ecossistema terrestre. Observe que, nesta “trajetória ecológica”, estamos sempre fora, estamos o tempo todo sendo afastados, expulsos e a experiência da Covid-19 é um exemplo destas mensagens de alerta que continuamos a ignorar.

Sobre esta experiência da Covid-19, nós perdemos a oportunidade de refletir e adotar condutas que poderiam mudar a forma de vida e a produção econômica desacelerando o consumo e o desgaste da Terra?

Ailton Krenak: Sim, mas ela não foi a única oportunidade perdida. A Covid-19 foi um trauma recente que vivenciamos e mais uma vez ignoramos. Porém, se formos observar o contexto histórico deste debate, veremos que essa oportunidade vem sendo “perdida” desde a década de 70. Foi no século passado com 8 bilhões de pessoas no planeta que o primeiro relatório sobre o esgotamento da Terra foi publicado, apontando já lá atrás que estávamos no limite, que era necessário e urgente frear, desacelerar, mudar a forma de produção da vida. Mesmo assim, demorou quase 20 anos para acontecer a Conferência do Rio de 92¹ que foi um evento impressionante e mobilizador. Estavam lá o Dalai Lama, vieram governos do mundo todo, inclusive Al Gore – que a época era a autoridade do clima nos Estados Unidos – então, estava os principais líderes mundiais; e, assim que terminou a conferência, toda aquela gente voltou para o seu lugar após assumir os compromissos da Agenda 21². Estava todo o mundo – governo, empresas e corporações – acordados que, dali para frente, deveriam mudar. Depois veio as

¹ Refe-se à II Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, popularmente conhecida como “Rio-92”, “ECO 92” ou “Cúpula da Terra”, ocorrida entre os dias 3 e 14 de junho de 1992, no Rio de Janeiro (Câmara dos Deputados, 2025; Nações Unidas, 1992b).

² A Agenda 21 é um documento internacional elaborado durante a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (Rio-92), com o objetivo de orientar o planejamento de sociedades sustentáveis em diferentes regiões. Ela propõe diretrizes para conciliar a proteção ambiental, a justiça social e a eficiência econômica, incentivando governos, empresas e comunidades a adotarem práticas de desenvolvimento sustentável em suas políticas e ações (Nações Unidas, 1992a).

conferências do clima de Paris e de Nagoya³ com mais registros de avaliação e validações e o que vimos é que, grande parte dos compromissos foram abandonados. Até hoje, governos, empresas e corporações não conseguiram cumprir com os acordos. Depois surgem os Objetivos do Milênio⁴, que, de início, já se demonstravam inviáveis, ao referendar o que declaravam bem-estar para todos os seres humanos. Porém, estamos diante de bilhões de pessoas que entendem que bem-estar é ter carro, é consumir bens. Porque quem define o que é bem-estar são as corporações que vendem tudo para a gente. Inclusive tomam as coisas da natureza como recursos – a exemplo da água que vem sendo privatizada pelas corporações em todo o mundo.

Diante deste cenário de divergências entre os interesses econômicos e as coisas da natureza, a saída para um equilíbrio está na política?

Ailton Krenak: Acredito que não! Estamos seguindo para uma nova era que é marcada pela desordem global. Não só eu falo isso, muitos outros pensadores também afirmam este momento de mudança. O que vemos é que o compromisso destas corporações, assim como dos governos, está pautado no dinheiro. Nós perdemos a confiança nas instituições e a atual governança mundial vem promovendo uma desordem global – basta observar todos os conflitos e guerras que estão em curso – que não temos nem mesmo como saber quem a promove ou quem vem atuando para conter todos esses conflitos. A irresponsabilidade é tanta que não cabe só aos envolvidos diretos nas guerras e seus financiadores; os que declaram neutralidade também tomam seus lados diante do que consideram prioridades. Portanto, a gente não tem nada a ver com essa ideia de

³ A Conferência das Partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima realizada em Paris, em 2015, conhecida como COP21, teve como principal resultado o Acordo de Paris, que visa limitar o aquecimento global a bem abaixo de 2°C em relação aos níveis pré-industriais (Nações Unidas, 2015). A Conferência Mundial sobre Educação para o Desenvolvimento Sustentável (EDS), ocorrida em 2014 na cidade japonesa de Nagoya, reuniu políticos, ativistas e representantes de instituições públicas e privadas de mais de 150 países, com o objetivo de reiterar e intensificar medidas voltadas à EDS (Nações Unidas, 2014).

⁴ Os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), lançados em 2000 pelas Nações Unidas, consistem em oito metas globais que visavam erradicar a pobreza extrema, promover a educação básica universal, reduzir a mortalidade infantil, melhorar a saúde materna, combater doenças como HIV/AIDS e malária, garantir a igualdade de gênero, assegurar a sustentabilidade ambiental e estabelecer uma parceria global para o desenvolvimento (Nações Unidas, 2010).

ecologia que tanto professam. O que vivemos é como se fosse uma utopia ecológica. E utopia é aquilo que você espera que aconteça, quer que aconteça, mas você não tem nenhuma condição material de fazer acontecer. Veja que as grandes corporações estão comprando reservas de água em todo o planeta, isso acontece aqui na América Latina e no Brasil. Muitos dessas áreas são reservas onde há povos tradicionais e essas movimentações acontecem sob o aval, a permissão dos Estados e dos governos.

Então, vivemos uma era de fragilidade das instituições?

Ailton Krenak: O que sabemos é que as instituições possuem suas representações, que são representadas por grupos sociais que detêm as formas de poder. Vemos que esses donos até certo tempo eram plurais: tinham os governos, tinha o poder capital, tinham as forças políticas. Mas também tinham gente com possibilidade de imaginar revoluções, que pensavam em mobilizações amplas para mudanças. Porém, essa revolução de ideias foi superada. Você pode observar que ninguém mais fala em revolução. Isso foi esquecido, ficou no passado e é como se fosse uma ideia muito remota, de antigamente, coisa dos nossos ancestrais. Falar em revolução hoje é até malvisto. Nós caímos em uma espécie de caos político onde prever o que vai acontecer é muito arriscado. Até temos mais ferramentas e acesso para mobilizações; porém, optamos em viver a experiência do isolamento social. Uma espécie de confinamento em que todas as pessoas recolhessem as ameaças, mas mantêm as práticas de rupturas da vida. A ameaça hoje não é só da existência dos indígenas, mas de todos os seres – incluindo os humanos brancos e ricos - a terra não suporta mais a nossa inércia, a nossa demanda de consumo infinito, então se nós estamos diante dessa humanidade, não há como apontar saídas para a situação. A única coisa que podemos fazer é perguntar à Terra, pergunte a ela o que devemos fazer; porém, para isso, é preciso reconhecer que não há mais condições de manter a vida tão autocentrada nos humanos. Não podemos ignorar todos os outros organismos. Inclusive Gaia, organismo indescritível, que com sua grandeza nos coloca como produto da Mãe Terra. Porque ela produz a gente e ela pode parar de produzir a gente. Alguém pode até achar que isso é ausência de esperança, que é uma renúncia, mas não é, não! Porque

“Vamos fazer o que com essa memória ecológica?” – Ailton Krenak

esperança é algo fundado na experiência, ao contrário da hipótese, que é sugerido, mas não vivido.

Aceito em 19 set. 2025.

Publicado em 03 out. 2025.

Referencias

- CÂMARA DOS DEPUTADOS. Rio-92 — Cúpula da Terra difundiu o conceito de desenvolvimento sustentável. Portal da Câmara dos Deputados. Brasília, DF. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/a-camara/documentos-e-pesquisa/arquivo/sites-tematicos/rio20/eco-92>. Acesso em: 1 out. 2025.
- NAÇÕES UNIDAS. Agenda 21 – Programa de Ação para o Século XXI. Nova York: United Nations, 1992a. Disponível em: <https://sustainabledevelopment.un.org/content/documents/Agenda21.pdf>. Acesso em: 1 out. 2025.
- NAÇÕES UNIDAS. United Nations Conference on Environment & Development – Rio de Janeiro 1992. United Nations, 1992b. Disponível em: https://www.un.org/en/conferences/environment/rio1992?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 1 out. 2025.
- NAÇÕES UNIDAS. Os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio. Nações Unidas, 22 jun. 2010. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/66851-os-objetivos-de-desenvolvimento-do-mil%C3%A9nio>. Acesso em: 1 out. 2025.
- NAÇÕES UNIDAS. Educação para o desenvolvimento sustentável em pauta em evento da ONU no Japão. Nações Unidas, 2014. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/55207-educa%C3%A7%C3%A3o-para-o-desenvolvimento-sustent%C3%A1vel-em-pauta-em-evento-da-onu-no-jap%C3%A3o>. Acesso em: 1 out. 2025.
- NAÇÕES UNIDAS. Acordo de Paris sobre o clima. Nações Unidas, 2015. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/88191-acordo-de-paris-sobre-o-clima>. Acesso em: 1 out. 2025.

“What are we going to do with this ecological memory?” – Ailton Krenak

Abstract

This interview with philosopher and indigenous peoples' activist Ailton Krenak, conducted on August 20, 2023, is an adaptation of a dialogue that constitutes part of the ethnographic research data presented in the doctoral dissertation “Monitoring Socio-environmental Changes: Ecological Memories in the São Francisco Delta”. The dissertation was defended in 2025 at the Graduate Program in Anthropology (PPGA) of the Brazilian Federal University of Bahia. On this occasion, guided by questions concerning memory and ecology, Ailton Krenak broadens the debate on these two categories from a decolonial perspective that fluidly intertwines the understanding of nature and culture in light of Amerindian perspectivism.

Keywords: Memory. Ecology. Nature. Culture. Decolonial

¹ Professor substituto do Departamento de Jornalismo (Dejor), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). wsouzac@gmail.com